



Ética Da Alteridade Em Levinas: A Crítica À Ontologia

Flávia Luiza Gomes¹

Izabela Hendrix

Resumo

A base de todo o pensamento filosófico de Levinas é a relação com o Outro que consiste numa abertura para o Outro especialmente no que ele apresenta de diferente, de desigual que merece ser respeitado sem repulsão ou exclusão. Para Lévinas é preciso ir além do conceitual e representativo em direção à exterioridade pelo fato do discurso logocêntrico abarcar a totalidade dentro da lógica do conceito o que não é suficiente para o que se propõe gerando a violência e impedindo a alteridade. Levinas busca dar um sentido novo para a valorização ética do humano. Em meio à negação do outro, o filósofo constrói uma reflexão crítica da ontologia oferecendo uma superioridade da ética sobre o Ser. Questão bastante oportuna ante tanta massificação da consciência, preconceitos atroz e a proliferação cada vez mais intensa do individualismo egocêntrico na contemporaneidade.

Palavras-chave: alteridade; Levinas; ontologia; ética.

Introdução

Emmanuel Levinas (1906 -1995) foi um filósofo nascido na Lituânia e naturalizado francês. Sua filosofia é muito influenciada pela fenomenologia de Heidegger e Husserl, pela tradição judaica e pela literatura russa. Como prisioneiro dos nazistas viveu na pele os horrores do século XX. A partir de suas experiências, estudos e insights, trouxe para a tradição filosófica ocidental uma visão bastante original da Ética, que considerava não apenas uma especialidade da filosofia, mas como a filosofia primeira, a partir da qual os outros ramos da filosofia ganham sentido.

¹Graduada em Ciências Econômicas e Filosofia, Mestre em Ciências da Religião. lgflavia@hotmail.com



O livro *Ética e Infinito*, que consiste em uma transcrição de dez diálogos entre Philippe Nemo e Levinas publicados pela Edições 70, abrange os principais temas a que se dedicou Levinas, sendo possível "escutar" a sua voz em uma linguagem não tão difícil como a que ele costumava usar em seus textos.

Como no livro *Compreender Levinas* escrito por Hutchens, é explanado claramente a questão da ética da alteridade que Levinas apresenta como a filosofia primeira no lugar da ontologia. A ética desvelada por Levinas propõe a saída da ontologia apontando para a razão aberta, que, contudo, não cai no relativismo. Nos livros bem como no artigo explana-se a base de todo o pensamento filosófico de Levinas que é a relação com o outro que consiste numa abertura para o outro especialmente no que ele apresenta de diferente, de desigual que merece ser respeitado sem repulsão ou exclusão. Nas respectivas leituras o pensamento de Levinas é explicitado revelando que para esse filósofo o outro não tem espaço na totalidade, ontologia, mas aparece como algo reduzido ao mesmo. Para Lévinas é preciso ir além do conceitual e representativo em direção à exterioridade pelo fato do discurso logocêntrico abarcar a totalidade dentro da lógica do conceito o que não é suficiente para o que se propõe gerando a violência e impedindo a alteridade.

Atualmente, vive-se de modo brusco e intenso a incidência de escancarados preconceitos, violência, intolerância, desrespeito e manifestações de ódio de todas as formas. O individualismo, a solidão bem como o egoísmo tem sido vislumbrado na sociedade por todos os lados e com inúmeros exemplos.

Portanto, torna-se extremamente pertinente o estudo esmiuçado da ética da alteridade, desvelando-a por meio de uma popularização da linguagem do filósofo para compreensão por alunos de filosofias assim como por toda a sociedade no intuito de impregnar valores para com o outro de modo a mitigar as consequências trágicas da modernidade e dos avanços tecnológicos para a vivência da ética.

Diante de tempos de obscurantismo, polarização gerando a total ausência de diálogo, a violência da conceituação e da redução do outro ao eu sem espaço algum para o diferente, é perceptível o benefício e necessidade da aproximação das obras de Levinas que convidam para o encontro com uma convocação para a redescoberta de uma filosofia cujo ponto de partida seja a ética e não a ontologia, valorizando a verdade



que emerge da relação do homem com o outro. É, portanto, tempo oportuno para considerar a saída do Eu para descobrir a infinitude do Outro possibilitando relações a partir da ética da alteridade.

Apesar de atuais e necessários, os textos de Levinas são muitas vezes enigmáticos. É preciso uma boa introdução para plena apreensão de seu sentido, profundidade e tamanha relevância na atualidade. Nessa realidade, objetiva-se uma explanação em linguagem simplificada para ampliar a possibilidade de compreensão e disseminação da ética da alteridade de Levinas.

Resultados e Discussão

O século XX apesar de todos os avanços e benefícios que produziu, adentrou com uma mentalidade que fez com que o homem moderno, tido por emancipado e livre, fosse capaz de atrocidades como o totalitarismo, as guerras mundiais e outras atrocidades.

Emmanuel Levinas (1906-1995), filósofo desse período em que a argumentação filosófica foi marcada pela negação epistemológica do transcendente e a afirmação do indivíduo e da objetividade ocorrem como critérios da produção intelectual ocasionando consequências para as relações humanas. Nesse ínterim Levinas é reconhecido como filósofo da alteridade num tempo em que o homem moderno, com tendências relativistas, distanciou-se de valores éticos e morais em relação ao seu semelhante que eram tidos como universais.

Dessa maneira a sociedade contemporânea desemboca como fruto do ideal de emancipação da modernidade culminando num processo de massificação do homem contemporâneo expresso na totalidade do Eu e no individualismo. Herda-se a aceitação da morte e da violência diante do progresso científico-tecnológico, o consumismo que escraviza o homem em nome do desenvolvimento do capitalismo e o individualismo e egoísmo prosseguem sendo fomentados em prol da competitividade, concorrência, em nome da felicidade plena.



Nesse contexto, que reverbera atualmente, é que Levinas busca dar um sentido novo para a valorização ética do humano. Em meio à negação do outro, Levinas constrói uma reflexão crítica da ontologia oferecendo uma superioridade da ética sobre o Ser.

A consolidação do pensamento de Emmanuel Levinas se dá na crítica ao pensamento Ocidental que ele denomina como organizado em uma “egologia”, um retorno no Ser, do próprio Ser em-si-mesmo. Levinas considera que a filosofia desde os gregos se assentou num discurso de dominação sendo que a Antiguidade e a Idade Média forma assinaladas pelo Ser enquanto que a partir da Modernidade este Ser foi substituído pela ideia do Eu não perdendo a tônica das ideias totalizantes que excluem a diversidade, compreendida como abertura para o Outro, e impõe a massificação.

Tornou-se comum pensar que o Ocidente se ergue até os dias atuais como uma civilização logocêntrica nas suas mais variadas formas. Desde os primórdios, com Platão e Aristóteles, o logos tem sido a chave de leitura e interpretação da vida, numa visão de ser e ser humano, numa formulação ética e política, em suma, numa visão do mundo e da vida.

A crítica de Levinas à filosofia Ocidental é que ela foi, na maioria das vezes, uma ontologia, isto é, uma redução do Outro ao Mesmo. Essa redução mediada pelo termo “Ser”, provocou totalidade, identidade, em que o Outro sempre se encontra no interior do Mesmo. Nesse sentido, a ontologia só pode relacionar-se com o ser neutralizando-o. Dessa maneira, a alteridade é vítima de violência, pois sua exterioridade não foi assegurada, respeitada. Essa relação se caracteriza pela posse, em que o Outro se torna o Mesmo, em que a identidade do Outro se reduz à identidade do eu.

O primado do Mesmo foi a lição de Sócrates: nada receber de outrem a não ser o que já está em mim, como se desde toda a eternidade, eu já possuísse o que me vem de fora. Nada receber ou ser livre. A liberdade não se assemelha à caprichosa espontaneidade do livre arbítrio. O seu sentido último tem a ver com a permanência no Mesmo, que é a Razão. O conhecimento é o desdobramento dessa identidade, é liberdade. O facto de a razão ser no fim de contas a manifestação de uma liberdade, neutralizando o outro e englobando-o, não pode surpreender, a partir do momento em que se disse que a razão soberana apenas se conhece a si própria, que nada mais a limita. A neutralização do Outro, que se torna tema ou objeto – que aparece,



isto é, se coloca na claridade – é preciso a sua redução ao Mesmo (LEVINAS, 2008, p. 31).

Para Levinas, desse modo, a filosofia Ocidental sempre foi um pensamento como saber, ou seja, um pensamento no qual toda exterioridade encontra-se no interior de uma consciência. Além disso, esse pensamento sempre privilegiou a relação que liga o conhecimento ao ser como objeto do conhecimento. O ser se aprisiona no campo do conhecimento e perde conseqüentemente a sua alteridade. Esse é um ser solitário, de uma subjetividade fechada, que não consegue se relacionar com a exterioridade.

Em Emmanuel Levinas a crítica à ontologia é contundente com o objetivo de abordar a problemática de uma ética da alteridade como um modo diferente de enxergar o mundo. A passagem do discurso estipulado pelo cálculo racional à ética deve levar em consideração o mundo da vida, libertando o próprio agir ético de conceitos pré-estabelecidos. As relações humanas constituirão o horizonte ético, horizonte que antecede a qualquer tematização, a qualquer reflexão. É o horizonte primeiro quem enquanto tal, não se constitui por nenhum aparato racional. Semelhante reflexão se situa no registro da Fenomenologia, segundo o qual, antes de qualquer discurso temático-racional, vigem as coisas mesmas e as relações humanas propriamente ditas.

O discurso racional pode ser considerado violento e inaugurador do mal na cultura. Na percepção ontológica, no fato inequívoco do excesso de ser, não há possibilidade para que o diferente apareça como tal. O outro enquanto outro não tem espaço na totalidade, apenas aparece como algo reduzido ao Mesmo. Esta é uma lógica da violência, é o mal instaurado nas relações humanas. Será pela experiência concreta do “há”, que é anterior a toda forma de conhecimento e dominação do Eu, que o ser pode se deixar derrotar. Por isso Levinas afirma a necessidade de evasão, indo além do conceitual e representativo, rumo à exterioridade. Certo é que a lógica do conceito, a tentativa logocêntrica de abarcar a totalidade, além de ser insuficiente para tal, gera a violência, impede a alteridade.

A postura de Levinas pretende respeitar a alteridade que se traduz como anterioridade ética do Outro. A fórmula original do Ocidente, naturalmente, é outra: é aquela segundo a lógica da vitalidade do ver que tudo reduz a conceitos, que tudo abarca, que tudo totaliza, anulando assim o diferente frente às razões do Ser. Levinas



entende a diferença nos seguintes termos: “Para que a alteridade que desconcerta a ordem não se torne logo participação na ordem, para que permaneça aberto o horizonte do além, é preciso que a humildade da manifestação já seja afastamento” (LEVINAS, 1997, p. 89).

Na modernidade a razão vem à tona como critério absoluto da verdade. Sob a ótica do racionalismo, em que o Eu se torna sujeito quando pensa, a subjetividade do Eu tem maior importância gerando violência na medida em que conhecer passou a ser igual a dominar e conseqüentemente excluir. Pois, tudo se torna objeto de conhecimento do sujeito que passa a estabelecer sentido sobre todas as coisas.

Nesse viés a realização da alteridade é impedida, pois para Levinas o pensamento Ocidental está todo sob o amparo da totalidade que é obstáculo para a ética da alteridade, pois o Outro se recusa ao totalitarismo do Eu e da razão que busca converter tudo em sua propriedade. A ontologia, portanto, é uma filosofia do poder.

Para Levinas a filosofia é incumbida da tarefa de repensar o sujeito, agora sob o ponto de vista ético, especificamente da ética da alteridade buscando libertar o Ocidente do “ontologismo” deixando de lado a totalidade que se traduz por violência. Levinas tomando o outro por premissa busca fundar no acolhimento desse outro uma fonte de alteridade.

O filósofo contrapõe à ontologia a metafísica e como linguagem, para tanto, ele propõe a ética. O Eu não é mais o ponto de partida, e sim o que ele recebe da exterioridade do outro. Levinas argumenta que é na própria relação humana, especificamente no outro ser humano com o qual me relaciono, é que a filosofia encontrará a origem da busca de sentido para todas as coisas ao contrário da tentativa do Ocidente de tentar compreender as relações do sujeito a partir do Ser.

Uma vez que as transformações operadas pela ciência e a técnica não foram capazes de vencer as limitações do homem na contemporaneidade, surgindo um ser humano que se coloca como absoluto, centro e medida de todas as coisas, individualista, materialista e consumista. Assim, Levinas propõe que o homem contemporâneo se abra à exterioridade, ao outro, saindo da totalidade do ser em si mesmo, rumo ao infinito e à transcendência do outro.



O pensamento de Levinas elabora uma crítica à ontologia numa perspectiva de enxergar o mundo através de uma ética da alteridade. A grande diferença na passagem do discurso racional à ética da alteridade está na consideração do mundo da vida onde há uma libertação de conceitos pré-estabelecidos para que as relações humanas venham a constituir o horizonte ético. Nessa filosofia que rompe com a tradicional

a razão é apenas um modo de se expressar na vida e não um dispositivo “manufatureiro” de relações vitais. Semelhante reflexão se situa no registro da Fenomenologia, segundo o qual, antes de qualquer discurso temático-racional, vigem as coisas mesmas e as relações humanas propriamente ditas. (PAIVA; OLIVEIRA, 2007, p. 140).

Essa “razão aberta” não cai no relativismo, mas na humanidade do humano onde pelo discurso ético se valoriza o sujeito. Já o discurso moral é fechado, pois abarca o todo e assim o diferente é excluído. O discurso ético é, portanto, fruto da “razão aberta” e o discurso moral é fruto do logocentrismo, sendo que o primeiro se dá no âmbito de uma verdade hermenêutica da vida e o segundo é altamente hipócrita.

Nesse discurso racional, pode se vislumbrar, nessa linha de pensamento por meio de uma ética da alteridade, um “excesso de ser onde não há espaço para o diferente. O outro não tem espaço na Totalidade, mas aparece como algo reduzido ao Mesmo” (PAIVA; OLIVEIRA, 2007, p. 141).

Essa é a lógica grega do ver (*noein*) a qual é violenta por se basear na ontologia. O pensamento levinasiano aponta para a necessidade de abandonar a ilusão de abarcar a totalidade do real pela força do pensamento. Abandonar a lógica do ver (*noein*), do conceito totalizante, em direção ao próprio real cuja tessitura é, antes de tudo, ética.

Em contraste a lógica hebraica é a da Escuta (*shemah*). No pensamento de Levinas deve-se romper com a ontologia, pois a lógica do Ver é violenta, é o mal instaurado nas relações humanas. Para Levinas é preciso ir além do conceitual e representativo em direção à exterioridade pelo fato do discurso logocêntrico abarcar a totalidade dentro da lógica do conceito o que não é suficiente para o que se propõe gerando a violência e impedindo a alteridade (PAIVA; OLIVEIRA, 2007).

Levinas encontra na ontologia a porta de entrada para o Ser e verifica que o existente que dá sentido aos entes do mundo se assentava numa impessoalidade que



somente poderia ser superada no Ser-para-o-outro, como momento ético de respeito à alteridade. Ou seja, é necessário encontrar a porta de saída do Ser para que ele seja o que ele é. Não basta conferir um significado aos entes do mundo, pois assim acabo por reduzir o outro a um conceito dominado pelo meu Ser. Levinas aponta como solução o despojamento do Eu em direção ao outro, o Ser-para-o-outro, assumindo a responsabilidade ética por ele. A esta relação do Eu com o absolutamente outro, sem intelecção ou compreensão deste, sem sujeição à razão totalizadora, dá-se o nome de alteridade. Nesse filósofo há uma precedência da ética à ontologia (LEVINAS, 2008, p.182).

A lógica do ver reduz todas as coisas a conceitos anulando o diferente diante das razões do Ser. O pensamento de Lévinas sai da ontologia e dessa lógica violenta indo além mesmo da essência através da descoberta do infinito. A alteridade mais verdadeira e autêntica significa o rompimento da solidão originária das concepções normais de verdade ocidentais e a introdução da pluralidade na origem do sentido.

O infinito é alteridade inassimilável, diferença absoluta com relação a tudo o que se mostra, se sinaliza, se simboliza, se anuncia e se lembra... a relação com o infinito não é conhecimento, mas proximidade, que preserva o desmedido do não englobável que aflora. Tal relação é o desejo, isto é, precisamente pensamento que pensa infinitamente mais do que pensa (LEVINAS, 1997, p. 90).

A ideia de infinito é excedente, pois não pode ser tematizado e nem pensado como objeto. Isso é ética da alteridade. Como nos explica Paiva (2007) o infinito é o Outro Absoluto, é o Outro separado do Mesmo. Com a ideia de infinito Lévinas sai da ontologia que generaliza todas as coisas e não considera a individualidade. Sai da filosofia do poder e da violência quebrando a hegemonia da ontologia passando do *logos* ao *éros*, ou seja, do significado a significância. A significância é quando eu entendo, mas não apreendo num pensamento, num conceito.

Surge, então, o outro, categoria essencial no pensamento de Levinas, que se apresenta não como um “alter-ego” (um outro com o qual o Eu estabelece uma identidade e, portanto, passa a dominar), mas como um diferente. Levinas diz que o outro se apresenta como um rosto e esta revelação do rosto exige respeito e acolhimento



pelo Eu, instaurando uma relação ética. O rosto surge na obra de Levinas como uma expressão do infinito, o Eu deve enxergar no outro o infinito, que convoca o Eu à responsabilidade. Essa ideia do outro enquanto infinito faz com que o Eu não possa dominá-lo, o outro é transcendente ao Mesmo e impede o retorno à totalidade.

Segundo Lévinas,

O termo transcendência significa precisamente o facto de não se poder pensar Deus e o ser conjuntamente. Da mesma maneira, na relação interpessoal, não se trata de pensar conjuntamente o eu e o outro, mas de estar diante. A verdadeira união ou a verdadeira junção não é uma junção de síntese, mas uma junção do frente a frente (LEVINAS, *Ética e Infinito*, p. 69).

Para que o contato entre o Eu e o outro, face a face, ocorra, não basta, entretanto, apenas a consciência da presença do outro, esta ainda é domínio do Eu, é preciso que haja desejo. Levinas entende que o desejo não parte do Eu, vem do outro, e é impossível de ser satisfeito exatamente em razão da infinitude desse outro. É um Desejo metafísico, caracterizado por tudo que vai além de completar, satisfazer. Este Desejo é que será responsável por mover o Eu-em-mim-mesmo para o outro face a face. Somente assim o outro irá se revelar como infinitamente outro, que não pode ser limitado por conceitos e definições, ou seja, não pode ser aprisionado pelo Eu. É nesse momento que a ética surge como fundamento da relação entre o Eu e o outro. A ética é a experiência do outro, é sentir no Eu a infinitude do outro.

O ponto de partida de Levinas é, dessa forma, a ideia de infinito descoberta na terceira meditação cartesiana. Ele aproveita o esquema formal da ideia cartesiana de infinito para mostrar que ela designa uma relação com o Ser, que conserva a sua exterioridade total em relação àquele que pensa. Portanto, a ideia de infinito é excedente. O infinito não pode ser tematizado, não pode ser pensado como objeto. O infinito é o Outro Absoluto, é o Outro separado do Mesmo.

A noção cartesiana da ideia do infinito designa uma relação com um ser que conserva a sua exterioridade total em relação àquele que o pensa. Designa o contato do intangível, contato que não compromete a interioridade daquilo que é tocado. Afirmar a presença em nós da ideia de infinito é considerar como puramente abstrata e formal a contradição que encenaria a ideia metafísica e que Platão evoca no



Parmênides: a relação com o Absoluto tornaria relativo o Absoluto (LEVINAS, 2008, p. 37).

Em suma, é através da ideia de infinito que Levinas propõe a evasão do pensamento como saber. Além disso, essa separação entre o Mesmo e o Outro é o primeiro passo para a constituição de uma relação de alteridade. Ao provocar a separação entre o Mesmo e o Outro, a ideia de infinito faz da relação humana uma relação ética, em que ambos se mantêm separados.

Essa relação é discurso, isto é, é uma relação original com o ser exterior. “O discurso não é uma patética confrontação de dois seres que se afastam das coisas e dos Outros (...). É a relação do Mesmo com o Outro, é o meu acolhimento do Outro” (LEVINAS, 2008, p. 88).

Portanto, o discurso para Levinas, é experiência de alguma coisa de absolutamente estranho, é “traumatismo do espanto”. É essa relação de frente a frente, essa experiência com algo absolutamente estranho, que torna possível o pluralismo em sociedade. Para Levinas, o pluralismo não é uma multiplicidade numérica, mas supõe uma alteridade radical do outro que não concebo simplesmente em relação a mim e sim que encaro a partir do meu egoísmo.

A ética da alteridade acontece quando tudo é exterior, Eleidade (de ele, ela), enigma. Quando o Eu considera o Outro como o exterior, ele mesmo, o enigma e não o define de acordo com o Eu (consigo mesmo). Dessa forma a separação entre o Mesmo e o Outro é o primeiro passo que constitui uma relação de alteridade, na qual através da ideia de infinito, onde o Eu pensa mais do que pensa, Levinas propõe a saída do pensamento ontológico. “A relação de alteridade é, para Levinas, uma relação irreduzível e assimétrica. Ela é irreduzível à totalidade. Ela mantém a salvo, através do discurso, a separação entre o Mesmo e o Outro”. (PAIVA; OLIVEIRA, 2007, p. 147).

A relação ética é irrecíproca, pois é a relação frente a frente entre desiguais. O Outro na sua alteridade é diferente, desconhecido e não familiar. Assim, sou responsável por outrem sem esperar reciprocidade. A reciprocidade é assunto dele e por isso a relação de alteridade é assimétrica e irreduzível à totalidade.



Essa relação do Eu com o Outro, Levinas vai chamar de desejo. Não é desejo de algo, não é um conceito. É o desejo desejável. O desejo se alimenta de sua própria fome e ao saciar ele aumenta. O desejo não acaba. Não é necessidade é desejo.

O Desejo não pode ser satisfeito; que o Desejo, de alguma maneira se alimenta com as próprias fomes e aumenta com a sua satisfação; que o Desejo é como um pensamento que pensa mais do que não pensa, ou do que aquilo que pensa (LEVINAS, *Ética e Infinito*. p. 83-84).

É, portanto, o Desejo metafísico que impulsionará o Eu a se relacionar com o outro e realizar a alteridade, na medida em que ele se revela como uma abertura ao desconhecido, ao novo, ao diferente, ao mistério. Diante dessa relação de respeito e responsabilidade entre diferentes, originada no Desejo metafísico, é que pode ser estabelecido um Eu que se coloca a serviço do outro, um Ser-para-o-outro. Na medida em que o Eu é abordado pelo outro, ele se torna responsável por ele. O outro sempre me diz respeito e a reciprocidade não é exigida.

Na relação ética, embora seja importante elemento da vida humana, o conhecimento não constitui o sentido do agir, mas o encontro com o rosto do outro, vestígio do infinito. O infinito escapa à ontologia e se revela na epifania do rosto. Uma nova lógica vai se instaurando: não mais o conhecimento, mas a proximidade. “A subjetividade do sujeito que se aproxima é, portanto, preliminar, anárquica, antes da consciência (...) é significância” (LEVINAS, 2008, p. 108).

A obra de Levinas reflete o combate das generalizações fáceis, que neutralizam a realidade e tendem a abolir a alteridade dos outros e do absolutamente Outro.

Considerações finais

Lévinas abre mão do conceito, pois para ele é generalização violenta. Abre mão do termo significado para usar significância que engloba muito mais do que se pode abarcar num termo, num conceito. Por isso esse autor teceu a crítica à filosofia Ocidental por ter sido na maioria das vezes uma ontologia onde se reduz o Outro ao Mesmo.



Se o Eu se deixa enfeitiçar pelo conceito ele nunca vai descobrir o Outro. Levinas critica em Kant a síntese que para ele é violenta e que não permite a diferença, fazendo o discurso da alteridade onde acontece a diferença destronando a ontologia. Mesmo que se prenda alguém em um conceito ele continua sendo infinitamente para além desse conceito. E esse é o ganho da fenomenologia que Levinas transporta colocando a ética antes da ontologia.

No entanto, nos dizeres de Levinas (2008, p. 86) “não filosofar é ainda filosofar”, ou seja, não conceituar é ainda conceituar, por isso sempre é preciso, então, desdizer o dito, “onde o discurso sobre Deus deveria ser sempre um dizer e não um dito”. Para esse pensador não há autêntica experiência religiosa se o Eu não sair de si em direção ao Outro. Por isso é que a saída do Eu, de si mesmo, em direção ao Outro é religião. É através do rosto do Outro que Deus me vem à ideia sendo que o rosto é tudo aquilo que o rosto esconde. No rosto do Outro Deus vem à ideia, pois não se conhece a Deus, mas o descobre quando se sai de si mesmo à infinitude do Outro e isso é religião. E nesse processo de sair a descobrir o Outro o Eu nunca volta igual.

A ontologia, essa obviedade ingênua, o conceito, a partir do momento em que renega o chão da vida é violento. A síntese é própria da razão. O logocentrismo vai sempre criar uma lógica racional para excluir o diferente. A proposta é de assumir a ética que não se dá em conhecer o Outro apenas, mas sim a cada encontro. Uma prática docente que também saia da embriaguez da razão para levar em conta o chão da vida dos que fazem essa história, o cenário para tantos assoladores conceitos.

REFERÊNCIAS

BERNARDES, Cláudio Teles de Tolêdo. *Sensibilidade e infinito: Levinas e a filosofia e Outro modo que ser*. Belo Horizonte: FAJE, 2017.

CINTRA, Benedito E. Leite. *Pensar com Emmanuel Levinas*. São Paulo: Paulus, 2012.

COSTA, Marcio Luis. *Levinas: uma introdução*. Petrópolis: Vozes, 2000.

FABRI, Marcelo. *Desencantando a ontologia: subjetividade e sentido ético em Levinas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.



- HUTCHENS, B. C. *Compreender Levinas*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- LÉVINAS, Emmanuel. *De Deus que vem à idéia*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2008a.
- LEVINAS, Emmanuel. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. Lisboa (PT): Edições 70, 2008b.
- MELO, Nelio Vieira. *A ética da alteridade em Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- PAIVA, Márcio Antônio; OLIVEIRA, Ibraim Vitor de. Logocentrismo e alteridade: da lógica da violência à bondade do bem. *Horizonte Teológico*, Belo Horizonte: ISTA, v. 6, n. 11, p. 139-156, jan./jun. 2007.
- PELIZZOLI, Marcelo. Desencantando a ontologia: subjetividade e sentido ético em Levinas. *Veritas: Revista Trimestral de Filosofia da PUC-RS*. Porto Alegre, v. 44, n. 2(174). p. 439-440. jun. 1999.
- SAYÃO, Sandro Cozza. Entre o dizer e o dito: sobre a precariedade e a finitude de nosso saber em Emmanuel Levinas. *Conjectura*. Caxias do Sul, v. 16, n. 1. p 98-119. Jan. /abr.2011.
- Souza, José Tadeu Batista de. Ética do rosto. *Ágora Filosófica*. Recife. v. 11, n. 1. p 171-191. jan./jun.. 2011.
- SIDEKUM, Antonio. *Ética e Alteridade*. A subjetividade ferida. São Leopoldo, RS, Editora Unisinos, 2002.
- SUSIN, Luiz Carlos. *O Homem Messiânico: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Lévinas*. Porto alegre/ Petrópolis: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes/Vozes, 1984.